

O RETORNO DAS BIOGRAFIAS ATRAVÉS DE UM PRISMA PROBLEMATIZADO OU ULTRAPASSANDO OS LIMITES DA SOLIDÃO

Leandro Couto Carreira Ricon*

RESUMO: Escrita histórica comum desde a Antiguidade, as biografias alcançaram destaque durante a transição do século XVIII para o XIX principalmente pela ampla individualização que as sociedades europeias passavam neste momento. Após certo tempo, este gênero acabou saindo da cena da produção histórica entrando em certo interregno historiográfico apenas retornando a partir do final da década de 1960. Assim, o trabalho aqui apresentado objetiva fazer um apanhado da situação do gênero biográfico demonstrando a sua presença ao longo do tempo; objetiva, também, demonstrar os problemas teórico-metodológicos que esta forma encontra em nosso tempo presente. Principalmente a necessidade de problematização social dos indivíduos biografados.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagens Historiográficas Contemporâneas; Biografias; Teoria e Metodologia da Produção do Conhecimento Histórico.

ABSTRACT: Model of common historical writing since antiquity, biographies achieved a prominent position during the transition from the eighteenth to the nineteenth motivated primarily by the personalization that European societies passed this time. However, after this time, this genre ended up leaving the scene of historic production entering certain interregnum historiographical just returning in the 1960s. Thus, this paper aims to do an outline of the situation of the biographical genre demonstrating its presence over time, also aims at demonstrating the theoretical and methodological problems that this form of historical writing is in our present time.

KEYWORDS: Contemporary Historiography; Biographies; Theory and Methodology of History.

* Doutorando e Mestre em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-IH-UFRJ), na linha de Poder e Discurso. Especialista em História Social pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Graduado em História pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Interessado em pesquisas acerca de Teoria e Filosofia da História, Historiografia e da relação música-sociedade a partir do século XVIII. Este trabalho conta com o apoio da CAPES.

Em seu estudo acerca do gênero biográfico, o historiador francês François Dosse (2009: 19) afirma com certo humor irônico: “não contem para minha mãe que sou biógrafo: ela pensa que sou historiador”. Esta afirmação, baseada na própria prática deste historiador em escrever biografias, como as de Michel de Certeau e de Paul Ricoeur¹, encerra algumas reflexões acerca dos estudos biográficos ao longo do século XX. Pensemos em duas, que estão estritamente interligadas: em primeiro lugar, demonstra que em alguns núcleos acadêmicos ou mesmo perante certa parte do público em geral ainda impera uma negação das pesquisas biográficas e, em segundo lugar – e como consequência direta da primeira –, a biografia aparece como gênero relegado às curiosidades, sem valor documental, principalmente de caráter historiográfico, uma pequena História. Devemos, contudo, compreender esse gênero de escrita que é um dos mais expressivos – e debatidos – de nosso tempo presente.

As narrativas de histórias de vidas (biografias) surgiram na Grécia antiga ao mesmo tempo em que surge a História como ramo de conhecimento. Neste momento do passado humano estas escritas servem a uma ordem propedêutica, de ensinamentos mínimos ao cidadão do contexto social e político. Daniel Madélenat (1984), ao dividir a escrita biográfica em três momentos², afirma que a biografia entre a Antiguidade e o século XVIII mesmo sofrendo variegadas modificações mantém a lógica de instrumentalidade e finalidade e, acerca da escrita biográfica da Antiguidade ainda demonstra que essa modelagem de estudo surge após o declínio da *polis*, mesmo momento em que a vida coletiva vai se esvaindo, surgindo, assim, por exemplo, as biografias elogiosas – encomion (ἑγκώμιον) – principalmente políticas e unidas à memória.

Nesta Antiguidade encontramos, por exemplo, Cornélio Nepote que, com seu *De viris illustribus*³, acabaria influenciando outros autores³, como é o caso de Suetônio e seu *De vita Caesarum*⁴ e de Plutarco, um dos principais autores do gênero e o primeiro a

¹ Cf.: Paul Ricoeur: *les sens d'une vie* (1913-2005). Paris : La Decouverte, 2008. Michel de Certeau: *el caminante herido*. Buenos Aires: Universidad Iberoamericana, 2000.

² Madélenat, buscando uma conciliação teórica entre a Biografia e a História, divide as biografias em três momentos: em primeiro lugar, se prolongando desde a Antiguidade até o século XVIII, encontramos as biografias *clássicas*, que possuem uma instrumentalidade e finalidade determinadas; em segundo lugar, encontra-se o paradigma *romântico*, preferindo uma leitura das personagens mais fiel à ‘verdade’, se estendendo entre a transição do século XVIII-XIX e o momento em torno da Primeira Guerra Mundial; por último, localizamos as biografias *modernas*, que são aquelas nas quais se encontra o direito à imaginação, mesclando características de objetividade científica e narratividade ficcional, sofrendo interferências, portanto, da sociologia e da psicanálise.

³ As vidas ilustres

⁴ A vida dos doze Césares

escrever biografias a partir de uma abordagem comparativa, ou algo próximo a tal. Nestes estudos, comparando personagens gregas e personagens romanas, ocorre um confronto simbólico entre as duas principais culturas de seu momento, a Grega e a Romana. Este autor, nascido em torno do ano de 46 em Queronéia e sua principal obra, *Vidas Paralelas*, acabou ficando conhecido pela pluralidade de personagens analisados, incluindo, nestes, homens públicos reconhecidos, na época, por sua maldade, uma inovação para o modelo⁵. Associando o público com o privado, sua linguagem possui um pleno sentido dramático que acaba por conduzir sua narratividade. Tal característica fazia-se necessária para os anseios biográficos do contexto, bem como a junção da ética com a verdade e com a política.

Esta modalidade de escrita, no entanto, encontrou certa resistência e não era tida como algo próximo à História desde seu surgimento. Tucídides em sua obra *A Guerra do Peloponeso* já percebe problemas nesta modalidade, assim como Tito Lívio. Políbio, em suas *Histórias*, já demonstra, por sua vez, a distinção entre História e Biografia e o próprio Plutarco, que além de marcar que escreve suas obras por puro prazer, marca que seus personagens devem ser compreendidos enquanto humanos. A partir disto, o próprio autor demonstra que percebe diferenças entre a biografia e a História ao longo de sua obra.

A época seguinte, a Idade Média manterá a principal característica das biografias da Antiguidade: o cunho pedagógico. As biografias, nesta época, ainda servem para demonstrar à população como viver, mas com uma diferença: se na Antiguidade grega e romana a vida estava atrelada à prática política, na Idade Média passa a estar presa à moralidade religiosa cristã que se reafirmava cada vez mais em território europeu. Durante o medievo reina, então, as hagiografias já que a figura da santidade e do próprio santo, representativa do Bem numa visão maniqueísta, deve ser lembrada por ter vencido alguma adversidade. Este também é o momento das crônicas e já no século XIV, o escritor italiano Giovanni Boccaccio escreveu uma biografia de Dante Alighieri, *Trattatello in laude di Dante*⁶. Dante, morto há pouco, teve seu texto biográfico baseado, em grande parte, em documentos, uma característica inovadora da época, já que a Antiguidade tendia à analisar os relatos orais e mitológicos com mais influências de veracidade.

⁵ Plutarco chega a marcar determinadas curiosidades dos indivíduos já que, segundo ele, estas também vão construindo os atores, seu pensamento e seu espaço de atuação.

⁶ Tratado em louvor de Dante

Ocorre, então, com a ascensão do Renascimento italiano uma modificação no padrão da escrita das histórias de vidas: surgem as primeiras biografias anedóticas, satíricas sem, contudo, perderem determinadas características educacionais, assim como as modelagens anteriores (BURKE, 1997). No renascimento, marcado, entre outros, pela impressão em série de textos, proporcionada pela imprensa de Gutenberg e a ‘redescoberta’ da Antiguidade, o indivíduo começa a ter e perceber sua importância fazendo com que os textos de memória ganhem relevância. Desta forma, as escritas acerca da vida de determinados indivíduos começam a se colocar como fonte para a História. Já no século XVI, Giorgi Vasari escreveu seu texto *Delle Vitae de’ più eccelenti pittoti, scultori ed architettori*⁷, demonstrando que as mais plurais personagens agora eram biografadas e mais, nestes textos, Vasari marca uma retomada da preocupação com as vidas particulares de seus atores. Por último, podemos marcar que, com o processo de individualização ocorrido na Europa durante o Renascimento, uma das práticas que se transformaram em comum foi a produção de autobiografias, ou seja, os indivíduos, sabendo de sua relevância, começam a produzir sobre si. Esta característica de produção autobiográfica acabaria se transformando em uma tônica para os estudos históricos das vidas privadas, principalmente no século XIX e final do XX.

Após estas, o gênero biográfico não sofre profundas modificações até sua próxima guinada ocorrida apenas no processo de instauração de uma mentalidade iluminista nos produtores destes textos. Quanto a este momento, podemos lembrar da tentativa de reescrita da história de determinado personagem anulando, assim, seus defeitos, como fez o teólogo e bispo francês Jacques Bossuet, um dos primeiros a defender a teoria do absolutismo político, com suas *Orações fúnebres*. É um pouco após este contexto sociocultural, no ano de 1721, que ocorre a dicionarização da palavra ‘biografia’, designando, à época, “um gênero que tinha por objetivo a vida dos indivíduos” (DEL PRIORE, p.8). Neste século XVIII o herói político e ético antigo ou o mártir e santo medieval são substituídos pela figura dos grandes homens – aqueles que prestaram ou prestariam algum serviço para o seu grupo. Esta figura de grande homem reinará na historiografia até o gênero biográfico sofrer um interdito na passagem do século XIX para o XX.

O século XVIII, porém, ainda veria uma grande inovação em nível de pensamento e de interpretação das existências: o Iluminismo. Este movimento em busca

⁷ Sobre a vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos.

de uma racionalização do mundo modificou a estrutura das escritas biográficas existentes até então e se até o século XVIII as biografias da Antiguidade demonstram modelos de vida a serem seguidos, a partir do Iluminismo, elas se transformam num modelo narrativo a ser seguido (BARROS, 2010). Neste momento, iluministas como Voltaire e David Hume escrevem seus textos biográficos ou com aproximações biográficas⁸. Contudo não ocorre uma plena unidade nestas escritas: enquanto Hume, acreditando que a biografia cria uma possibilidade de auxílio para a compreensão total da História, escrevendo sua obra acerca de Carlos I da Inglaterra com uma caracterização heroica, Voltaire analisa Luís XIV e Carlos XII da Suécia de forma díspar (LORIGA, 1998).

Ainda ocorriam, porém, divergências: enquanto Jean Jacques Rousseau acreditou na possibilidade e relevância do gênero escrevendo, por fim, sua autobiografia (*Confissões*); Diderot, por sua vez, afirmava que uma biografia nunca captará a essência de um indivíduo, ou seja, nunca será afirmada numa forma estritamente científica. O que, contudo, não necessariamente exclui a possibilidade de se biografar determinado indivíduo – ambos, Rousseau e Diderot, acreditam que o diálogo com o método é o melhor caminho para a pesquisa Histórica e para a execução das narrativas de vida (LEVI, 2008). Esta pretensão de rigor metodológico, começada tempos antes, já no início da Idade Moderna, faz com que, em 1791, James Boswell publique a sua *Life of Samuel Johnson LL.D.*⁹, texto este que possuía plenas pretensões de contar apenas a verdade evitando as adulações, tão comuns nesta época – para isso, por exemplo, o autor recorreu a entrevistas. Logo, ao contar a vida de Samuel Johnson, também autor de biografias, Boswell passou a ser um dos primeiros a se preocupar com sua personagem integralmente, buscando a exemplificação de qualidades e defeitos. Este momento, a transição entre o XVIII e o XIX, marcado pelo aprofundamento das relações individuais iniciadas com o Renascimento, seguido pela ascensão da burguesia é o momento no qual ocorre o surgimento do biógrafo profissional, aquele indivíduo que se dedica à análise da vida de outro.

É chegado então o século XIX, aquele que ficou conhecido como sendo ‘o século da História’, o momento no qual a História ganhou ampla relevância. Este contexto que presenciou profundas mudanças em todos os segmentos da vida humana acabou influenciando toda a historiografia bem como a teoria (e, porque não, a filosofia)

⁸ São representativos, neste sentido, o *História de Carlos II* de Voltaire e a autobiografia de Hume.

⁹ Vida do Dr. Samuel Johnson.

e a metodologia da História. Neste século, no que tange à escrita biográfica, ocorrem duas posições díspares: a princípio, ocorre certa superestimação deste gênero, logo a produção em determinados núcleos amplia-se pelos mais diferentes motivos; em segundo lugar ocorre, em núcleos específicos, uma subestimação da escrita biográfica, processo este que acaba afastando este tipo de produção. Estas contradições de núcleos historiográficos acabam sendo, na verdade, as próprias contradições que a sociedade europeia do ‘século romântico’ percebe. O prisma analítico da História se configurou em uma pluralidade de possibilidades que, em certa medida, foram responsáveis por determinada relativização e hiperespecialização desta disciplina.

Para o primeiro grupo de historiadores, a produção biográfica do século XIX faz a união entre a relevância do indivíduo e a importância das histórias nacionais. É o momento do enfoque heróico do indivíduo biografado, tão popularizado por Thomas Carlyle¹⁰, mesmo que não seja o único modelo a dominar dentre aqueles autores que permanecem fiéis à escritas de vidas¹¹.

Neste sentido, alguns autores acabaram se tornando famosos ao longo de suas vidas por sua quantidade e qualidade de produção, entre eles destacam-se: o historiador e filósofo da história e da cultura Jacob Burckhardt e seu método patológico, baseado no sofrimento dos homens demonstrando, assim, que a ideia de progresso histórico é equivocada (BURCKHARDT, 1971)¹²; o crítico e historiador francês Hippolyte Taine, que procurou uma psicologia que afastasse as contradições entre o particular e o geral – além de ambos, tanto Burckhardt quanto Taine serem reconhecidos por buscarem uma dimensão antianedótica na escrita biográfica (LORIGA, 1998) –; e o filósofo e historiador francês Jules Michelet que, escrevendo textos acerca de Dante e de Napoleão Bonaparte buscou fazer com que a História (biografada) servisse à construção de determinada ideia de nação.

¹⁰ A consolidação do modelo biográfico heroico deve-se, em certa medida, às formulações individualistas pelas quais o século XIX passou. Ocorre, destarte, o privilégio do ‘eu’ (indivíduo) sobre o ‘nós’ (grupo). Esse fenômeno se iniciou no contexto da Revolução Francesa com a consolidação da burguesia na Europa. O problema de se privilegiar apenas os indivíduos é esquecer-se que ele apenas pode ser compreendido numa configuração social. Ainda são características deste processo, no caso da arte o Romantismo e, no caso da historiografia, o Historicismo (BARROS, 2010).

¹¹ Devemos levar em conta que, neste mesmo momento, existem, também, a prática biográfica não-heróica, que acaba focando nos sentimentos humanos, seara antes mais resguardada mesmo que já demonstradas em outros momentos históricos. Foca-se a biografia, então, no personagem de tipo médio, no geral, o mesmo tipo do biógrafo, como é o caso da biografia que o pianista Franz Liszt escreveu para seu amigo Frederic Chopin após a morte deste. (MADÉLENAT, Op. Cit.)

¹² Jacob Burckhardt buscou, também, aspectos emocionais resgatando aquilo que é durável através de seu indivíduo patológico.

Ainda no século XIX, encontramos as biografias vitorianas, caso extremamente singular na produção deste gênero. Neste contexto social, político e cultural as biografias são de extrema importância. Basta lembrarmos, por exemplo, do *Dictionary of National Biography*¹³ que, coordenado pelo historiador e biógrafo Leslie Stephen¹⁴, foi lançado em 63 volumes, contando com mais de 600 colaboradores em um extenso agrupamento de pequenos artigos biográficos. Esse é o momento em que a fundamentação da história nacional ocorre através das vidas pessoais incluindo nestas o modelo heroico proposto por Thomas Carlyle. Essas biografias, possuindo claras características de exaltação da vida do biografado e sendo muitas vezes encomendadas por herdeiros, eram importantes para a constituição da própria percepção por parte da burguesia enquanto classe ligada diretamente à manutenção da política econômica do período vitoriano (TOSH, 2010. GAY, 1999).

Leopold von Ranke, um dos autores mais relevantes do cenário da produção historiográfica do século XIX, percebia, na biografia, um complemento ao trabalho do historiador, chegando a escrever, na década da Unificação Alemã os textos biográficos sobre Albrecht von Wallenstein, militar e político boêmio, e do barão Karl August von Hardenberg, estadista prussiano. Todavia este mesmo autor acabou encontrando dificuldades em compensar a neutralidade objetiva que ele mesmo outrora propunha, uma vez que o biografado, pelo simples fato de ser humano, desperta as mais variadas sensações na narrativa do biógrafo (ALVES DE ALMEIDA, 2008).

Vale lembrarmos, também, que Wilhelm Dilthey também lança mão de estudos biográficos percebendo, nestes, validade heurística, como é o caso, por exemplo, de seus estudos acerca do filósofo Gottfried Leibniz, do escritor Friedrich Schiller e Wolfgang von Goethe, nos quais procura explicitar suas concepções psicológicas e epistemológicas. A partir da leitura das obras biográficas de Dilthey, notamos que para este pensador, o estudo biográfico existe já que a relação entre a parte (indivíduo) e o todo (sociedade) forma o que é chamado de “teatro da História” (AMARAL, 1987).

Para o segundo grupo de historiadores do século XIX as biografias eram consideradas naturalmente a-históricas. Assim sendo, reduzindo o lugar dos indivíduos, este acabou sendo “esmagado pela lei” (LORIGA, 1998, p.230). Ou seja, a busca por leis gerais que explicariam amplamente a dinâmica social dificultam e, em alguns núcleos, inviabilizam a prática biográfica nos centros historiográficos. A partir daí, a

¹³ Dicionário de Biografia Nacional.

¹⁴ Pai da escritora e, também, biógrafa inglesa Virginia Woolf.

pequena gama de autores que ainda praticavam este gênero, passam a se preocupar com dois temas: inicialmente o indivíduo biografado passa a ser compreendido como um ser social, influência direta da gênese da sociologia e, em segundo lugar, passa a ser necessário levar em conta o lado psíquico do indivíduo e da cultura social, clara influência da formação dos estudos acerca da psicologia e da psicanálise que começam a ganhar força vertiginosamente durante a transição do século XIX para o século XX.

Dessa forma, ocorre um afastamento do gênero biográfico da possibilidade epistemológica da História, possibilidade esta tão procurada no século XIX, se aproximando, portanto, de uma narratividade não-problematizadora. É aí que as biografias passam a ser produzidas por literatos, como a *Maria Antonieta* e o *Erasmus* do austríaco Stefan Zweig e a sequência de narrativas de vidas de compositores da música dita erudita realizada pelo suíço Guy de Portalès. Logo, podemos perceber que, apesar de mudar de foco, o interesse pelas biografias ainda persistia dentre leitores e autores.

Após este historiograficamente conturbado ‘século da História’ a biografia começa a ser questionada nos meios acadêmicos como gênero menor. Somou-se a esse fato a larga produção que entregava importância exacerbada às curiosidades das vidas ilustres. É o contexto de Andrés Maurois e Emil Ludwig que acabam criando personagens, por isso, amputados (LORIGA, 1998), afastados de suas contextualizações. Todavia, o costume historiográfico contemporâneo de se afastar a prática biográfica deste período deve ser relativizada. Já Bloch demonstra a importância do homem ao afirmar que a “História é a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001). Assim, percebemos que, apesar dos questionamentos afirmados neste momento, o gênero continuou a ser produzido, atingindo as possibilidades de feitura em outros núcleos intelectuais, como o jornalismo e a sociologia que cada vez mais se reafirmariam.

É chegada a vez, então, do escasseamento biográfico dentro da produção historiográfica. Alguns pontos marcam este período ocorrido aproximadamente entre a década de 1920 e a década de 1960, momento da ampliação de outras formas de produção historiográfica, como a História Econômica e o estruturalismo. Durante este momento, mesmo assim, certos estudos biográficos dentro dos núcleos historiográficos continuaram sendo feitos, dos quais vale destacarmos a tentativa de renovação do gênero, buscando a relação entre o indivíduo e a sociedade, proposta, por exemplo, pelo

historiador francês Lucien Febvre com seus *Un destin*, *Martin Luthere* e *Le problème de l'incroyance au XVIIe siècle, la religion de Rabelais*¹⁵. Mesmo com certas críticas até mesmo Fernand Braudel, conhecido por seus estudos de 'História de longa duração', ou seja, uma história mais focada nas permanências, se enveredou por este ramo, escrevendo textos sobre Carlos V e Felipe II. Contudo, mesmo com estas tímidas defesas de significativos historiadores, o gênero biográfico acabou em segundo plano sufocado, principalmente, por outras abordagens epistemológicas, como é o caso das análises marxistas focadas na análise econômica e, quando usada por historiadores, passam apenas a servir para ilustrar determinado fato¹⁶.

Após os historiadores abandonarem este gênero ele começa a ser utilizado principalmente por jornalistas e literatos de forma não-problematizada. A biografia como modalidade histórica tinha se transformado na biografia romanceada, aquela que acabou por se preocupar apenas com a narratividade esquecendo, assim, as possibilidades de problematização. A partir daí, a plena publicação de textos acerca de vidas ilustres ganharia força¹⁷ e acaba alcançando as salas de cinema durante o século XX atingindo, assim, uma maior parte da população que já começava a ficar interessada em consumir a vida de outros indivíduos.

Mesclando seus períodos perenes e de intermitências as escritas biográficas são retomadas na escrita da História entre os anos de 1960 e 1980 fazendo, hoje, sucesso no mundo inteiro. Um dos motivos desta retomada neste momento é a relevância que os estudos acerca da relação indivíduo e sociedade ganham. Outro motivo, como dito anteriormente, é a necessidade de se consumir as vidas alheias, tanto as fictícias, como no caso dos filmes e das novelas, quanto aquelas que são criadas como que em laboratório, como é o caso dos *reality shows* sem esquecermos, também, das vidas ilustres, como no caso da biografia (SENNET, 1998). No mais, a volta dos indivíduos para o palco da História teve o próprio apoio de determinados historiadores preocupados com certas abordagens sociais. Todavia, os historiadores de nosso tempo presente ainda ficam preocupados com o afastamento que os problemas – a ideia de história-problema

¹⁵ Respectivamente: (1) Martinho Lutero, um destino; e (2) O problema da incredulidade no século XVI, a religião de Rabelais. Para mais debates feitos por Febvre, cf: *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Collin, 1953.

¹⁶ Vale marcarmos, porém, que, mesmo sem a biografia estar inserida nos estudos históricos, o estudo de cartas e autobiografias ainda era fonte para uma escrita da História.

¹⁷ Vale notar que as biografias ganham tanto interesse popular ao longo do século XX que até mesmo Winston Churchill (1941) publicou ensaios biográficos – incluindo personagens como o próprio Adolf Hitler, seu futuro inimigo durante a Segunda Guerra Mundial. Este também é o contexto de autores como Emil Ludwig e André Maurois.

– tiveram no modelo biográfico, ficando apenas com a narratividade cronológica (LE GOFF, 1989). Destarte, autores plurais passam a escrever sobre determinados personagens nas formas narrativas mais variantes, como é o caso de Christopher Hill em sua *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa* e Jean-Paul Sartre que, publicando seu *L'idiote de la famille: Gustave Flaubert*¹⁸, acabou fundamentando a possibilidade de uma escrita biográfica existencialista e não-causalista.

Então, neste contexto de crise da cientificidade historiográfica e sua tendência globalizante, representada no surgimento da nova historiografia (STONE, 1979), singular é o caso do medievalista francês Jacques Le Goff, da chamada Escola dos Annales. Este autor organizou, em conjunto com Pierre Nora, uma série de textos acerca das novas possibilidades historiográficas correntes nas décadas de 1970 e 1980. Todavia, em momento algum surge a retomada do gênero biográfico como campo epistemológico na prática da História (LE GOFF; NORA, 1988). Singular também é a postura dos micro-historiadores, principalmente, os italianos.

Acerca da História política de pequena escala, podemos perceber a relevância do estudo das biografias segundo estas observações de Philippe Levillain:

sem dúvida, pode-se falar da interação entre o movimento das forças profundas e os personagens históricos que sabem exprimir, em termos de conduta, curta ou longa, as aspirações de um povo, de uma nação, e se impõem como 'protagonistas' (2003, p.160).

Dentro desses estudos de micro-história que são utilizados como, seguindo Jacques Revel, *Jogos de Escalas*, podemos perceber a dinâmica social, cultural, política e econômica de determinado quadro e certo território. No âmbito dos micro-historiadores com textos biográficos ou com esta aproximação relevantes para a historiografia contemporânea encontramos Carlo Ginzburg com seu *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, no qual analisa a trajetória de um herege, Menocchio, do século XVI buscando compreender a cultura popular do momento; Natalie Zemon Davis, com seu *O retorno de Martin Guerre*, em que é contada a vida de Martin Guerre, um camponês usurpado de sua vida; Judith C. Brown, com seu *Atos Impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da renascença*, no qual analisa a percepção da sociedade renascentista perante a sexualidade lésbica da abadessa Benedetta Carlini de Vellano das Teatinas de Pescia durante o século XVI; e Giovanni Levi com o seu *A herança imaterial: trajetória de um*

¹⁸ O idiota da família: Gustave Flaubert.

exorcista no Piemonte do século XVII, livro no qual o autor, a partir da cruzada exorcista do padre Giovan Batista Chiesa, analisa a hierarquia política da região.

O grupo dos Annales, representado aqui por Jacques Le Goff, percebe que a biografia é um instrumento à História, principalmente aquela de modelo Cultural, porém, em nossa visão, essa utilidade ultrapassa os estudos culturalistas. Neste sentido, Le Goff escreve, por exemplo, duas obras biográficas. Na biografia de São Francisco de Assis, o medievalista problematiza a urbanização e o enriquecimento das cidades-Estado italianas. Já em São Luís, pensou sobre a existência e a relação entre a existência-individual e a existência-coletiva. Neste autor e em outros historiadores dos Annales deste momento, a duração de uma vida passa a ser significativa para a história, diferentemente do que foi pregado pela geração anterior de Fernand Braudel e sua longa duração¹⁹. Desta forma, podemos perceber as diferenças dessas obras de micro-história se comparadas àquelas de História Cultural ou das Mentalidades: essa abordagem se preocupa com os conflitos sociais, negando, porém, as características totalizantes. E, enquanto os historiadores filiados aos Anales, como é o caso de Le Goff, decidiram pela necessidade de um novo modelo metodológico para a narrativa biográfica. A partir da década de 1980, os micro-historiadores procuraram por um quadro teórico-metodológico que os permitisse destacar o valor heurístico das escalas surgindo, assim, os protagonistas anônimos da história²⁰.

O já citado François Dosse (2009), com uma erudição ímpar apresenta um panorama geral da produção biográfica ao longo da História e demonstra que os próprios historiadores vinculados aos Annales afastaram as possibilidades surgidas com a narrativa das trajetórias de vida para utilizar o indivíduo apenas dentro dos estudos da sociedade. Para tal empreendimento Dosse, assim como Madélenat divide as biografias em três tipos: de início encontramos as biografias heroicas: aquelas que tinham a função de educar através dos exemplos de vidas; em segundo lugar encontramos as biografias modais, que partem de concepções generalizantes buscando nos indivíduos traços que expliquem a dinâmica da sociedade na qual este está inserido; por último encontramos

¹⁹ Lembremos, no entanto, que o próprio Braudel teve estudos acerca da prática biográfica.

²⁰ Como crítica consolidada pela historiografia contemporânea a essa micro-história italiana lembramos que pode ocorrer um interpretativismo exacerbado e pode-se, também, cair na supervalorização das exceções, na análise de quesitos insignificantes e na busca pelos indivíduos comuns o que inviabiliza ou, ao menos, dificulta a perspectiva de estudos mais amplos e estruturais ou mesmo comparativos. Cf. PALLARES-BURKE, 2000.

as biografias hermenêuticas, aquelas que buscaram romper com o modelo estrutural da historiografia francesa.

A renovação que as biografias tiveram nos últimos anos deve-se, portanto, à inversão do procedimento historiográfico. Logo, o interdito do século XX, ocorrente a nível estritamente historiográfico, não atingindo também todos os territórios²¹, já que as biografias continuam existindo e mantendo seu sucesso de venda neste momento, é perceptível como uma crítica às modalidades de produção históricas do século anterior. Estes modelos mais antigos adaptavam a sociedade às possibilidades do indivíduo biografado não demonstrando, nesta maneira, as contradições e subordinações mútuas entre os sujeitos e os meios nos quais estão inseridos. O mundo moderno, no entanto, ainda subordina a biografia à História ou ainda as separa completamente esquecendo-se dos relacionamentos entre este gênero e esta disciplina. Há, portanto, uma percepção lógica: é imprecisa a fronteira entre biografia e História enquanto possibilidade epistemológica (LORIGA, 1998).

Ponto importante é marcar, mais uma vez, que as biografias são retomadas especialmente nos núcleos historiográficos e não nos ambientes literários gerais já que nestes, sempre estiveram presentes sendo apenas renovadas no que tange a sua escrita – o que acaba por transformá-las em um gênero dentro da História (CANDAR, 2000). Desta forma, mesmo no momento do interdito as biografias continuam existindo, todavia, eram estritamente literárias. No nosso tempo presente percebemos que ocorreu uma epidemia biográfica influenciada diretamente por certa guinada subjetiva no interior das ciências humanas (GUIMARÃES, 2008. SCHMIDT, 1997). Logo, conforme disse Daniel Madélenat (1984, p.32) “a história da biografia é a história de seus recomeços seguidos de sua adaptação a novas percepções do homem”.

Hoje, o principal polo de debate acerca desta modalidade de escrita está nas características metodológicas das abordagens biográficas. Em primeiro lugar, devemos perceber que não existe um método definitivo para a biografia. Dessa forma, o método deve ser sempre adaptável à necessidade da pesquisa (ORIEUX, s/d). Assim sendo, ainda hoje as escritas biográficas acabam misturando métodos criticados, inovadores e/ou aceitos ocorrendo, portando, uma incerteza metodológica. Incerteza essa que faz com que variados pensadores ainda critiquem esta forma de pesquisa. O resultado do estudo, ou seja, o texto biográfico, sempre possuirá problemas uma vez que o critério de

²¹ Podemos lembrar que em determinados países da América Latina, como o México e a Argentina, a produção biográfica continuou sendo uma das principais características da historiografia.

seleção é o pesquisador o que faz com que os fatos selecionados como relevantes sejam assim escolhidos a partir do tempo presente do próprio historiador (LEVILLAIN, 2003) e, já que o filtro para as fontes e para os fatos apresentados é sempre o historiador há, logicamente, uma dificuldade de seleção para as narrativas (TUCHMAN, 1995; BORGES, 2010).

Pontos adicionais de problematização das metodologias apresentadas nas obras biográficas contemporâneas são, entre outros, a localização da identidade, a complexidade da existência humana no tempo, a questão do inconsciente e a não-linearidade da vida. Esta última circunstância acabou se transformando em uma das principais questões para os opositores do gênero biográfico já que devemos lembrar que as vidas humanas são vividas em curvas (ROJAS, 2000). Acerca desta crítica metodológica e de sua respectiva construção narrativa, se fundamentou toda a análise proposta por pensadores como Pierre Bourdieu, Giovanni Levi e Sabina Loriga.

Para Pierre Bourdieu (2008) o principal problema da escrita biográfica é a condução – encaminhamento – a um final já concebido. Desta forma, continuará afirmando que

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (p.185).

Assim, segundo o sociólogo francês, ocorre a ilusão biográfica, já que é necessário reconstruir o contexto em que o indivíduo age. E continua, afirmando que “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório” (idem). Percebemos que para o sociólogo francês as análises biográficas são ilusões uma vez que a subjetividade do estudo apenas reconstrói a vida de forma artificial²². Seguindo essas problematizações expostas por Bourdieu, Jacques Le Goff, buscando escapar das 'Ilusões Biográficas', demonstrou a dificuldade do experimento biográfico e partiu, por exemplo, para a lógica do ‘sujeito globalizante’, ou seja, aquele sujeito que é considerado apenas em uma perspectiva

²² Vale lembrarmos que o debate iniciado por Bourdieu, apesar de extremamente relevante para a produção historiográfica contemporânea é iniciado ainda na década de 1980, momento no qual, como vimos, ocorre ainda uma série de questionamentos acerca da abordagem biográfica enquanto gênero histórico.

global. Este sujeito, portanto, serve para as análises de todas as características do contexto já que nele estas mesmas características se encerram (LE GOFF, 1999).

A partir do exposto até agora, principalmente acerca da incerteza metodológica que o gênero biográfico carrega em seu interior, conseguimos perceber que um dos principais problemas desta forma de escrita é mesclar a pluralidade e a erudição documental acerca de determinado personagem com a problematização que a escrita histórica exige sem, contudo, criar apenas uma narratividade fechada²³. Assim, o gênero histórico-biográfico passa a estar no interior da História enquanto campo de saber seguindo, também, procedimentos específicos.

Notamos que o autor dos textos biográficos acaba conhecendo sua personagem, muitas vezes, de forma mais ampla do que aqueles indivíduos que com este conviveram, Acerca deste ponto, o historiador francês Jean Orieux (s/d) afirma:

O autor, dois séculos após a morte desses personagens, está talvez mais bem informado das suas diversas facetas do que as pessoas que os conheceram. Isto não é nada paradoxal. Os homens, ou as mulheres, apenas mostram, àqueles que lhes estão próximos, uma determinada faceta (p.41)

E continua:

A partir de cem testemunhos diferentes e até contraditórios, o biógrafo acaba por elaborar uma face compósita, na qual há algumas probabilidades de podermos encontrar o personagem integral, que os seus contemporâneos provavelmente não conhecem. (p.42)

Logo, uma vez conhecendo amplamente as fontes documentais acerca de determinada vida, o historiador deve cuidar para não se colocar mais do que a necessidade exige, completando situações e criando falsidades²⁴. Notamos, então, a necessidade de se respeitar o personagem na integridade. Incluindo no estudo, por exemplo, análises de psicologia, seguindo as sugestões da professora Vavy Pacheco Borges da UNICAMP em seu texto *Grandes e misérias da biografia*:

²³ Devemos notar que a utilização de uma pluralidade de documentos explorados com ampla erudição somados a uma problematização errônea e uma narrativa mal construída, no geral aquela que busca uma linearidade desmedida – a vida humana raramente é linear – acabam gerando finalismos históricos que impossibilitam a classificação deste gênero como História.

²⁴ O já mencionado Orieux (s/d) afirmou, acerca desta lógica: “Processo de reanimação de um testemunho só tem valor com a condição de jamais nos abandonarmos ‘àquilo que poderia ou deveria ter sido’. É preciso respeitar o personagem tal e qual ele nos surge nos fatos” (p.44). Assim sendo, é necessário, acima de tudo o afastamento de uma *pedestalização* do indivíduo biógrafo.

A psicanálise é um aparato útil, ensinando aos historiadores, por exemplo, a importância do inconsciente, a pluralidade do indivíduo, a importância das origens e do início da vida, entre outros – todavia a biografia não pode se esgotar nessa possibilidade de análise (2010, p.219)²⁵.

Outro ponto metodológico relevante na escrita histórico-biográfica é a percepção de que a vida do indivíduo não começa no nascimento deste nem termina com sua morte. Destarte, o pesquisador deve buscar, também, as origens e as influências que marcam a vida do indivíduo, bem como os influenciados e a memória construída acerca deste sujeito (BORGES, 2010). Logo, é função do autor da análise biográfica, em sua escrita, notar que, muitas vezes, as ausências de fatos são tão ou mais significativas do que os fatos ocorridos em si.

Em suas pesquisas para a elaboração da biografia de um indivíduo já conhecido o historiador, provavelmente, se deparará com variados textos biográficos escritos anteriormente acerca desta personagem. Essas outras biografias escritas previamente devem, portanto, serem analisadas e problematizadas para a construção de um novo estudo: analisando, por exemplo, o lugar de fala dos antigos biógrafos de determinados sujeitos. O motivo de se analisar a biografia-fonte reside no fato de que os personagens – principalmente os célebres – já entraram, direta ou indiretamente, no imaginário das sociedades. E mais, estes personagens já foram apropriados e reapropriados repetidas vezes (BARROS, 2010).

Um último ponto é relevante para a escrita da biografia: como lidar com os textos biográficos produzidos pelo próprio sujeito, ou seja, como lidar com autobiografia. Em primeiro lugar, deve ocorrer uma dúvida autobiográfica: quando o sujeito falar acerca de sua trajetória, é função do historiador questionar, problematizar e duvidar deste discurso, assim, resta ao pesquisador comprovar quaisquer relatos cruzando os relatos com outras fontes, seguindo critérios metodológicos previamente determinados (ROSENTHAL, 2008).

Esta necessidade de averiguação – esta dúvida – baseia-se na percepção de memória dos sujeitos. O filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) a quem, diga-se de passagem, não agradava a possibilidade da escrita biográfica, já demonstrou que a própria percepção de memória é um ato reiterado de interpretações (BERGSON, 1990).

²⁵ Acerca das análises que sugerem a utilização de abordagens psicológicas em conjunto com as históricas, podemos citar as proposições do historiador Peter Gay em seu célebre texto *Freud para historiadores*.

Logo, recontamos ou reconstruímos o passado com nossas ideias atuais sobre aquilo que julgamos ser importante – na psicologia essa característica da memória é chamada de percepção seletiva. Do ponto de vista do presente, o passado é mutável, maleável, ou seja, apenas reinterpretamos aqueles momentos que são lidos como relevantes e necessários para o nosso ‘eu’ presente, contemporâneo.

Mais do que um gênero meramente literário, mais do que uma redução à historiografia, a biografia está localizada em uma área de intersecções amplas que viabilizam ao historiador do tempo presente uma análise mais profunda não só da vida do biografado como, também, do contexto no qual este indivíduo estava inserido além, é claro de possibilitar ao historiador problematizar o tempo da própria escrita. Por estes motivos, devemos ultrapassar os limites da solidão, aqui identificado com as perspectivas de análises de indivíduos isolados em, para utilizar uma expressão do século XIX, *torres de marfim*. A partir do momento no qual, se ultrapassando o indivíduo, chegamos a um prisma socialmente problematizado e as trajetórias de vida ganham nova relevância nos estudos históricos se afastando da narrativa determinista outrora empregada. Gênero antigo e amplo que caminha desde a antiguidade até nosso tempo presente, com escritas de vida de personagens históricos e mesmo de pessoas comuns até às trajetórias coletivas²⁶, as biografias, hoje, são uma forma direta e acessível do conhecimento histórico, desde que feita com todo o rigor metodológico evitando, assim, o risco de perder-se em uma narrativa infrutífera, aos mais variados públicos.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. Plutarco e as biografias vitorianas no século da História. *Revista de História Comparada da UFRJ*, v. 4, p. 1-22, 2008.

AMARAL, M^a. Nazaré de Camarvo Pacheco. *Dilthey: um conceito de vida e uma psicologia*. São Paulo: Perspectiva. EDUSP. 1987.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história*. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

²⁶ Chamada de prosopografia nos estudos históricos, esse gênero considera alguns dados variáveis para a reconstituição do perfil de determinado grupo.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta da Moraes. AMADO, Janaína (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. 8ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2008, p.182-191.

BRAUDEL, Fernand. *Reflexões sobre a história*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

BURCKHARDT, Jacob. *Considérations sur l'histoire universelle*. Paris: Payot, 1971

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: *Revista da Fundação Getúlio Vargas*, nº19, p.01-14, 1997

CANDAR, Gilles. Le statut de la biographie. Essai de chronologie. Correspondences. *Tunis: Bulletin d'information scientifique du Institut de Recherche sur le Maghreb Contemporain*, nº61, p.11-16, mai-juin-juillet, 2000.

CHURCHIL, Winston. *Grandes Homens Contemporâneos*. São Paulo: Rio de Janeiro: Recife: Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

DEL PRIORE, Mary. *Biografia: quando o indivíduo encontra e história*. TOPOI, v.10, nº19, 2009, p.7-16.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. A biografia como escrita da História. Prefácio. In: SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

HENRY, Charles. Elementos para uma teoria da individualização: quando o criado Mozart se achava um livre artista. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard. *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p.145-162.

LE GOFF, Jacques. *Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? Le Débat*, 1989.

_____; NORA, Pierre. (org). *História: novos problemas*. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____; _____. (org). *História: novas abordagens*. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____; _____. (org). *História: novos objetos*. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1999

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta da Moraes. AMADO, Janaína (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. 8ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2008, p.167-182.

- LEVILLAN, Philippe. *Os protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, René (org). Por uma história política. 2ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, p.141-184.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, p.225-250.
- MADÉLENAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, Georges; ARIÈS, Philipe; LADURIE, Emmanuel Le Roy; LE GOFF, Jacques. *História e Nova História*. 3ed. Lisboa: Teorema, s/d.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. 2ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000
- ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. La biografia como gênero historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta da Moraes. AMADO, Janaína (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. 8ed. Rio de Janeiro: FGV editora, 2008, p.193-200.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos: Rio de Janeiro*: CPDOC/FGV, n.19, 1997.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STONE, Lawrence. *The revival of narrative: reflections on a new old history*. Past and Present, 85, 3-24, 1979.

TOSH, John. *A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Artigo recebido em: 17 de setembro de 2013

Aprovado em: 25 de outubro de 2013